

VIOLENCIA POLICIAL CONTRA SOCIALISTAS

A reação policial começa a arreganhar seus dentes contra a ação dos socialistas, porque vai se penetrando de que é na ação organizada e conciente do Partido Socialista que a classe capitalista tem o seu maior inimigo. Os burgueses compreenderam que na medida em que o Partido Socialista vai levando suas palavras de ordem à massa e vai esclarecendo-a para as tarefas que se impõem nesse momento, vai a classe capitalista sendo minada em suas bases de dominação e exploração do homem.

Ainda agora, num gesto arbitrário e digno dos países totalitários estilo Argentina, Perú ou Hungria, militantes foram presos quando se achavam vendendo a FOLHA SOCIALISTA a todas as pessoas que se servem do famigerado subúrbio da Cantareira. Percebendo que os militantes socialistas estavam procurando mostrar ao povo da Cantareira as mazelas que reinam naquela ferrovia, e que haviam sido denunciadas em nosso número passado, o diretor da estrada chamou a polícia, que prendeu durante cerca de 8 horas os militantes socialistas.

Contra essa provocação e arbitrariedade da polícia, deixamos consignado nosso protesto veemente.

EXISTE PRECONCEITO DE CÔR NA ADMINISTRAÇÃO

Na sessão da Câmara Municipal, o vereador Cid Franco pronunciou o seguinte discurso:

"Os senhores vereadores conhecem o nome de Artur Ramos, como 'O Negro Brasileiro', 'O folclore negro no Brasil', 'Higiene Mental nas Escolas', etc. É citado por Gilberto Freyre como continuador dos estudos do grande Nina Rodrigues.

Quando vem a São Paulo, Artur Ramos não deixa de visitar José Correia Leite, em cuja casa se reúnem poetas do valor de Rossine Camargo Guarnieri, críticos de arte como Ciro Mendes, jornalistas e escritores como o Fernando Góes.

Fala-se a respeito de política, de arte, de literatura, de sociologia. José Correia Leite adquiriu, com grande dificuldade, alguns discos de cantores negros de fama internacional, como Mary Anderson, Paul Robeson, e ouviu-se música profunda, triste música.

Mas os senhores vereadores estarão talvez perguntando: "Quem é José Correia Leite?"

É um dos líderes negros em São Paulo e no país. Um homem de espírito fraterno. Amigo da leitura e do estudo, filho da raça que ajudou a construir tantas fortunas de brancos durante o cativeiro e que ainda sofre a injustiça de preconceitos que uma verdadeira democracia não pode justificar.

Partidários do preconceito de cor apontarão a democracia norte-americana, onde ele existe. Existe, sim. É uma noção na cultura daquele país. Mas está sendo combatido. Eu mesmo assisti, não há muito, a um filme educativo norte-americano, confeccionado sob a direção de professores universitários, de combate ao preconceito.

Grandes brancos, tais como Paul Grim, Erskine Caldwell, Langston Hughes, não se cansam de combatê-lo.

E devemos fazer justiça aos norte-americanos, porque permitam esse combate. Isso é reconhecido pelo próprio Hughes, ao escrever estas palavras: "Entretanto, a América é uma terra onde, apesar de todos os defeitos, eu posso escrever este artigo".

A verdade é que os negros norte-americanos, mesmo com as limitações impostas pelo preconceito, atingiram maior desenvolvimento cultural que os negros brasileiros, pois têm as suas escolas, as suas universidades, em nada inferiores a muitos estabelecimentos dirigidos pelos brancos.

No Brasil, embora mais atenuado, o preconceito anti-democrático de raça também existe.

Aponto como prova — e poderia apontar muitas outras — o próprio José Correia Leite, o negro que merece as visitas de Artur Ramos.

Qual a profissão de José Correia Leite? É funcionário da Prefeitura de São Paulo há doze anos, padrão "B". Guarda. Ganha 1.200 cruzeiros mensais, depois de seus doze anos de trabalho.

Éra ajudante de campo. Foi, por ordem superior, designado para trabalhar num depósito onde se guardam as plantas da "Sara". Nesse depósito, está o almoxarifado do Departamento de Urbanismo, em que se conserva o material de expediente e limpeza.

Além das atribuições de guarda desse material, exercia as funções de auxiliar de desenhista.

Quando se aproveitou o pessoal operário, para efetivação, tiraram-no do cargo de ajudante de campo, à sua revelia, para o colocarem no de guarda, que é uma carreira inferior.

Na realidade, não é guarda, nem desempenha as funções de guarda.

José Correia Leite atribui essa preferência à existência do preconceito de cor.

(Continua na 2.a pág.)

Folha Socialista

Diretores responsáveis:
Antônio Cândido e
Arnaldo Pedrosa d'Orto
Gerente:
Febus Gikovate

ANO II — 5 DE ABRIL DE 1949 — N.º 25
EDITADO PELA COMISSÃO ESTADUAL DE SÃO PAULO DO
PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

Redação:
Praça do Sé, 237 - 2.º and
Telefone 3-2520
SÃO PAULO — BRASIL

E' pura demagogia a campanha da paz dos comunistas

Para qualquer comunista consciente, a atividade política tem como objetivo exclusivo a conquista do poder. A verdade de sua doutrina é uma verdade exclusiva, que não admite "acórdos de conciliação". Realizam, naturalmente, manobras táticas, e são tanto mais flexíveis nestas, quanto mais inflexíveis em seus objetivos.

Para um comunista de hoje, as perspectivas de instauração mundial daquilo que supõe ser o comunismo, são mais favoráveis do que nunca. Como, para ele, a Rússia é sinônimo de comunismo, o fato de que a Rússia permaneça comunista, de que os comunistas tenham tomado o poder na Bulgária, România, Checoslováquia, Hungria e zona oriental da Alemanha; o fato de que já tenham conquistado vasta região da China e estejam a caminho de apossar-se de todo aquele país — são outros tantos incentivos ao seu sonho de império mundial.

Seria inconcebível, para um comunista, um acórdo feito de boa fé, destinado a ser respeitado, e peio qual fosse mantida a atual divisão do mundo, entre regiões dirigidas pelo Kremlin, e países que se conservam autônomos. Seu objetivo é a conquista do mundo inteiro, e si renegassem a esse objetivo, renegariam a toda a sua doutrina.

De outro lado, seria infantil, para um comunista, ater-se apenas às possibilidades legais e democráticas, na luta pela conquista do poder. O comunista naturalmente aproveitará todas as possibilidades de expansão e propagação que a democracia lhe oferece, mas ele seria indigno de seu nome, si não utilizasse, também, uma ocasião favorável para tomar abruptamente o poder. Considera o seu partido como a vanguarda da classe operária, e atribue à vanguarda, mesmo como minoria, o direito de falar em nome, e às vezes contra o desejo expresso da maioria.

Ademais, o comunista não tem o preconceito da "pátria", no sentido tradicional do termo. E considerando-se ligado por laços íntimos aos comunistas dos outros países; e sendo, para ele, todos os comunistas igualmente representantes da classe operária que deve tomar o poder

— parece-lhe absolutamente natural que a revolução se processe por via militar, inclusive mediante o auxílio armado vindo de fora.

Os três fatos acima mencionados fazem com que todos os comunistas sejam hoje, adeptos de uma guerra na qual a União Soviética derrotasse os Estados Unidos, e que possibilitasse aos comunistas de cada país chegarem ao governo e organizarem-se mundialmente.

Porisso mesmo que são a favor dessa guerra e desse domínio mundial pela União Soviética, os comunistas são, naturalmente, contra qualquer coisa que possa prejudicar-lhes os planos. Eles são, hoje, em primeiro lugar, contra toda política que cerceie a liberdade de

manobras de Moscou, eles são contra o estabelecimento de um sistema de segurança que garanta a independência das nações ocidentais, eles são contra o fechamento das feridas ocasionadas pela última guerra.

Seu desejo era que as nações européias não recebessem auxílio econômico de Washington — não porque esse auxílio possa tirar a elas parcelas de independência, mas sim porque isso diminua suas possibilidades de agitação e propagação. Seu desejo era que essas mesmas nações permanecessem isoladas e desligadas umas das outras — não porque essa união implique vassalagem à Casa Branca, mas sim porque unidas elas se tornam uma presa mais difícil. Na verdade, eles temem menos uma guerra de agressão partida dos Estados Unidos, do que receiam ver fechadas suas vias de acesso à conquista do mundo.

A atual campanha de paz mundialmente movida pelos comunistas é, pois, a mais mentirosa e cínica de quantas desenvolveram ultimamente. Em primeiro lugar porque, como vimos, eles não querem a paz, mas sim uma guerra de que saíssem vitoriosos; em segundo lugar porque nenhuma guerra os ameaça atualmente — pelo contrário, o mundo livre é que se organiza para impedir uma guerra de agressão partida da Rússia. Sabem eles muito bem que não existiria ambiente, hoje, para uma cruzada anti-comunista nos moldes tentados por Hitler. Sabem, igualmente, que não haveria possibilidade material de uma guerra de conquista imperialista pelos Estados Unidos. O que fazem, pois, é, ainda e sempre, agitação contra as medidas de defesa que são tomadas contra as suas

(Continua na 2.a pág.)



NOTAS POLITICAS

UM SINTOMA EXPRESSIVO

Nas eleições municipais realizadas em 13 de março último verificou-se enorme abstenção do eleitorado, atingindo quase a média de 50%. O fato foi noticiado e comentado profusamente, pela imprensa. Muitos comentaristas assacaram a já velha explicação da falta de espírito cívico do nosso povo, da falta de interesse pela coisa pública, etc. Mas a verdade é que essa abstenção massiva do eleitorado representa uma reação instintiva contra a demoralização que lava em nosso ainda precário regime democrático. A desilusão causada pelas eleições passadas, em que tantos e tão malfazejos aventureiros e oportunistas foram eleitos para cargos de governo e do legislativo, manifestou-se através de um sentimento de desconfiança e hostilidade, por parte das massas populares, em relação às eleições de 13 de março. E note-se que a abstenção de eleitores foi maior nos municípios de população operária, como São Caetano do Sul e Cubatão, o que bem mostra o estado de espírito dos trabalhadores, em geral, em relação ao atual regime, que, sob a aparência de legalidade democrática e constitucional, mantém uma ditadura declarada das classes capitalistas. A abstenção dos eleitores vale como algumas dezenas de milhares de votos em branco para os carreiristas políticos e os partidos burgueses, vazios de conteúdo, que se apresentaram para disputar as prefeituras e as Câmaras municipais, em 13 de março.

A.

ALGUMAS EMENDAS...

(Conclução da 4.ª pag.)

Com referência à sentença do Tribunal do Juri de Imprensa, o art. 47 do projeto exige que se mencione, apenas, se a referida sentença foi proferida por unanimidade ou por maioria.

Muitas vezes, a nulidade de um julgamento realizado no Juri tem como base o problema relacionado com a participação dos jurados no Caso e, por isso, não se deve apenas mencionar se por unanimidade ou maioria, mas fazer a declaração clara e precisa dos votos que absolveram ou condenaram o Réu.

E' uma necessidade para o processo, à qual não pode fugir o Juri de Imprensa.

Se, nos palavras de Ruy, a imprensa é a vista da Nação, que "por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfez, devassa o que lhe ocultam e tramam, calhe o que lhe sonegam ou roubam, percebe onde lhe alvejam ou nodam, mede o que cerceiam ou destroem, vela pelo que lhe interessa e se acatula do que a ameaça", não permitamos que os áculos pelos quais se lhe exerce a visão, — a lei que limite a sua liberdade contra os excessos que a levam ao crime — deixem de ser cuidados e polidos por aqueles que na atividade diária dos jornais conhecem, realmente, o problema.

O projeto está em seus últimos retoques. Acrescentamos a ele a nossa colaboração, sugerindo emendas, para que possamos realizar

A CONFERENCIA DE PETRÓPOLIS

Não há dúvida que as classes dominantes no Brasil se mostram inquietas com a aproximação das eleições. Elas sentem, instintivamente, sua debilidade perante as massas populares e o perigo que isso representa, pela possibilidade que oferece de grandes êxitos para aventureiros ambiciosos de poder, tipo Ademar, ou caudilhos tipo Getúlio, com umas quebras em favor dos comunistas. Daí a preocupação dos representantes políticos da nossa burguesia cabocla, no sentido de assegurarem eleições sem muita agitação, com um mínimo de lutas, sem fazer "muita onda" neste ambiente de calma reacionária em que vivemos sob o governo do general Dutra e de um parlamento com esmagadora maioria conservadora. Essa preocupação atingiu o próprio general Dutra, que se pôs em campo, como "coordenador da sucessão". O primeiro passo parece ter sido a conferência com o governador Milton Campos, em Petrópolis. Tratou-se ali, seriamente, da possibilidade de unificação das forças burguesas, em torno da "candidatura única". Mas essas possibilidades de unificação parece que são muito precárias. A burguesia brasileira é toda dividida em grupos de interesses antagô-

nicos, que dificilmente conciliarão tais interesses, nacionalmente. Se o general Dutra, como "coordenador", se inclinar para um candidato representante dos setores mais liberais da burguesia, que seria ligado à U.D.N., é muito provável que o representante da burguesia conservadora, os homens da grande indústria e da alta finança, que hoje conservam o poder, não se sujeitarão ao acordo e lançarão outro candidato. Ou, como recurso extremo, farão aliança com um Ademar ou um Getúlio, com o compromisso de respeitarem estes os privilégios conquistados pelas camarilhas de grandes comerciantes, industriais e banqueiros, durante a ditadura, privilégios que vêm sendo mais ou menos mantidos sob o governo atual. E, se o candidato escolhido for um político ligado a estas camarilhas, é quase certo que uma grande parte da nossa burguesia de tendências liberais, não se conformará com a situação. A conferência de Petrópolis, portanto, parece-nos que ficará como mais uma tentativa frustrada de unificação das forças burguesas, igual aos acórdos "inter-partidários" e outras iniciativas infrutíferas.

ANTONIO

Ofensiva e Contra-Ofensiva

Parece que está tomando corpo uma nova ofensiva do general Dutra e dos maiores do P. S. D. contra o sr. Ademar e sua camarilha de gosa-dores e aventureiros políticos. Já se fala novamente em intervenção federal ou "impacchment" contra o governador de São Paulo. Por outro lado, o sr. Ademar está arremetendo e mobilizando a sua gente, para uma "contra-ofensiva" em grande estilo.

A luta se reabre não em torno de questões de princípio, de interesses gerais do país ou em benefício do regime democrático assegurado formalmente na constituição. O pomo da discórdia é o mesmo de há cerca de um ano, isto é, a questão da sucessão do general Dutra. Este e os maiores do P. S. D., com apoio de grande parte da U. D. N., representando vários setores das classes dominantes do país, não querem o sr. Ademar como candidato, porque este, com a sua desmedida ambição pessoal, de riqueza e mando, e sua falta de escrúpulos, não oferece garantia alguma. O sr. Ademar, por sua vez, sabe muito bem das fraquezas da burguesia brasileira e trata de explorar a situação, acitando a luta, firme nos seus propósitos de galgar o Catete, quaisquer que sejam os meios empregados para tanto.

A posição dos socialistas, parece-nos, deve ser a mesma de há um ano, quando se cogitou da intervenção federal em São Paulo: equidistância entre os dois blocos em luta, sem tomar partido por um ou outro, pois ambos visam objetivos totalmente alheios ao interesse das massas populares.

A.

uma obra realmente útil ao Brasil de todos os tempos, obra que será um Código de Ética, ao lado da Lei de Imprensa, regulando o primeiro os problemas morais da profissão, as relações de jornalistas entre si e entre terceiros no campo da Moral, e a segunda, assegurando-nos a liberdade de crítica e limitando os excessos e a licenciosidade criminosos.

HONESTIDADE DEMOCRÁTICA

A Câmara Municipal de São Paulo foi agitada, na última quinzena, pela discussão travada em torno do aumento do funcionalismo municipal, questão essa que vinha sendo debatida de há muito na edilidade paulistana. Como nossos leitores estão lembrados, o primeiro vereador a pedir um reajustamento geral dos vencimentos do funcionalismo municipal, COMEÇANDO PELO REAJUSTAMENTO DOS DIARISTAS E DOS OPERÁRIOS DE OBRAS, para depois cuidar-se da elevação dos vencimentos daqueles que ganhavam mais, foi o edil socialista, Cid Franco. O Partido Socialista ergueu assim sua voz, através de seu representante, no sentido de defender os camadas mais sacrificadas do funcionalismo, que nem sequer têm reconhecidos seus direitos de trabalhadores. Isso, quando se fazia uma agitação em torno do aumento escandaloso que o prefeito havia concedido aos advogados, e os médicos e engenheiros pleiteavam equiparação de vencimentos.

Agora, quando da votação da tabela de reajustamento, o vereador socialista teve um gesto que deve ser meditado por todos. Ao contrário de outros representantes do povo, que não se envergonham de votar seus próprios vencimentos, fez questão de deixar bem claro, quando da votação, que não votava aquela tabela de aumento, como não votaria nenhuma outra, porque tinha uma irmã funcionária da Prefeitura.

Essa atitude desassombrada é mais um exemplo dado pelo vereador socialista aos demais parlamentares de todo o país. E, é também, mais um exemplo de como devem portar-se todos aqueles que são, realmente, representantes dos interesses públicos, num regime democrático. Que povo pese bem o alcance do gesto do vereador socialista Cid Franco.

O. S. F.

JUSTIÇA DO TRABALHO

Nesta secção, que está a cargo de companheiros advogados, serão respondidas quaisquer consultas sobre direitos dos trabalhadores e leis trabalhistas em geral. Qualquer trabalhador interessado poderá dirigir-se diretamente à redação desta "Folha" e à sede do Partido, à Praça da Sé, 237.

Trabalhadores em construção civil: — Uma das grandes saudezas que se introduziu na legislação trabalhista e na orientação da Justiça do Trabalho foi essa de considerar os contratos de trabalho para construção de prédios ou quaisquer obras semelhantes, "contratos com prazo determinado". Terminada a obra, o empregado, se não tiver mais de quatro anos de serviço, é dispensado, sem qualquer indenização, porque se entende que o contrato foi feito "com prazo determinado" e, uma vez terminado esse prazo, não deve o patrão indenização alguma, pela dispensa do empregado. Nessa situação encontram-se algumas dezenas de milhares de trabalhadores. Os construtores e os particulares, conhecendo as vantagens desse sistema de "contrato com prazo determinado" tratam os empregados para a execução de uma só obra e, após a conclusão desta, despedem esses empregados, livrando-se de todos os encargos da legislação trabalhista.

E' preciso, portanto, que os trabalhadores em construção civil tenham os seus cuidados e se ponham em campo, para lutar por seus direitos. Em primeiro lugar, é preciso trabalhar pela reforma da legislação trabalhista, neste particular, afim de serem asseguradas aos operários contratados para serviços em construções todas as garantias trabalhistas estabelecidas para os trabalhadores em geral. Os trabalhadores em construção civil devem organizar-se em torno desta reivindicação, fazendo pressão sobre os seus sindicatos, abaixo-assinados, dirigidos ao Congresso e ao Ministro do Trabalho, organizando grupos de ação, nos locais de trabalho, etc. Em segundo lugar, é preciso que, mesmo dentro da atual legislação trabalhista, saibam reivindicar alguns direitos. Por exemplo, ao ser admitido, o empregado contratado para o trabalho em uma obra determinada, pode exigir que o empregador lhe entregue uma declaração obrigando-se a dar aviso prévio e pagar uma indenização proporcional ao tempo de serviço, na ocasião do término da obra. Deve exigir a anotação na sua carteira profissional, como empregado comum, sem especificação da obra a executar.

Se o empregado for dispensado, por motivo de terminação da obra, há condições para reclamar, pelo menos, o aviso prévio, na Justiça do Trabalho. Muito embora a orientação da Justiça do Trabalho ainda não esteja muito bem definida, é certo que em São Paulo, pelo menos, a tendência é para garantir ao empregado contratado para execução de obra certa, pelo menos o aviso prévio previsto na lei. Mas é conveniente que o empregado faça a reclamação, por intermédio do advogado do seu sindicato ou advogado de sua confiança, porque a questão exige discussão e interpretação da lei e, portanto, deverá ser acompanhada por pessoa que conheça o assunto. — ADVOGADO

O PROGRAMA DO PARTIDO SOCIALISTA

N. R. — Damos a seguir a continuação das notas taquigrafadas das palestras que o comp. Febus Gikovate vem fazendo, aos sábados, na sede do Partido Socialista, à Praça da Sé, 237 - 2.º, às 16 hs., sobre o programa partidário. A palestra que transcrevemos abaixo, foi proferida a 19 de fevereiro de 1949.

O companheiro João Mangabeira teve ocasião de dirigir a palavra aos presentes. Realçou a necessidade de aprofundarmos por meio de palestras, conferências e cursos, o conhecimento dos princípios básicos que norteiam a ação do Partido Socialista Brasileiro.

— IV —

As palavras precisas e entusiastas do nosso companheiro João Mangabeira, presidente do P.S.B., justificam muito melhor do que qualquer introdução nossa a razão de ser da explanação dos pontos do nosso programa, iniciada em palestras anteriores, em uma série da qual esta é a quarta. Embora haja uma sequência nesta exposição, cada uma dessas palestras por si só expõe um dos aspectos da política seguida pelo P.S.B., um dos aspectos do que o Partido visa, em benefício da classe trabalhadora e em benefício da população geral.

O nosso programa não é como os programas dos partidos burgueses, que existem apenas por uma imposição legal de que um partido deve ter um programa e, uma vez elaborado este programa, nunca mais se fala a respeito do mesmo. Nosso programa é um documento do qual cogitamos sempre, em todas as circunstâncias, e que transformamos em arma mais poderosa da nossa luta pelo arrematamento dos trabalhadores deste programa, que corresponde realmente às aspirações e interesses das massas trabalhadoras da cidade e do campo, é que esperamos reunir as forças necessárias para, no poder, podermos realizá-lo, cumprindo.

Dando sequência a esta nossa exposição, que estava tratando de interpretar, justificar e analisar a primeira parte do programa, que é constituída de uma série de princípios fundamentais que o Partido aceita e na base dos quais pretende elaborar sua atividade prática, cabe-me, no momento, analisar do 7.º item em diante.

O item 7.º afirma o seguinte: — "O objetivo do Partido, no terreno econômico, é a transformação da estrutura da sociedade, incluída a gradual e progressiva socialização dos meios de produção, que procurará realizar na medida em que as condições do país o exigirem".

Neste item está resumida a política do P.S.B., no campo econômico, política esta que nosso companheiro J. Mangabeira acaba de sintetizar de uma maneira magistral, em poucas palavras que, praticamente, esgotaram o assunto referente a este item. Acaba de dizer J. Mangabeira que o P.S.B. é um partido revolucionário, porque se propõe a subverter a ordem econômica vigente, embora pretenda realizar esta subversão utilizando-se de meios democráticos, legais. Nem porisso deixa de afirmar de uma maneira clara, sem subterfúgios que seu objetivo é a destruição da ordem econômica-social vigente. Os motivos pelos quais somos contrários a esta ordem econômica já foram por nós analisados e, em poucas palavras, diremos o essencial.

É uma ordem econômica capitalista, que se baseia na divisão da população em classes de interesses opostos, de uma pequena minoria explora a grande maioria da população.

Já vimos que este sistema de exploração tem por base a propriedade privada dos meios de produção. A sociedade, qualquer que seja sua organização, deve produzir os meios necessários à sua subsistência. Este processo de produção é um processo em que participo, de uma maneira geral, toda a população, todos os elementos componentes da sociedade.

Mas, a organização deste processo da produção, em que participam todos os componentes da sociedade, pode ser feita de maneiras as mais diversas. O que caracteriza o processo de produção na sociedade capitalista atual é que este processo de produção se baseia na propriedade privada dos meios de produção. Todos os elementos necessários para produzir, que nós chamamos meios de produção, máquinas, matérias primas, instalações, e assim por diante, indispensáveis para o processo da produção, em vez de serem propriedade da sociedade que lança mão destes meios no sentido de produzir o que necessita para sua subsistência, são propriedade privada de um número reduzido de indivíduos, sendo que a grande maioria da população está completamente desprovida, não possui os meios indispensáveis para produzir. Chegamos a esta situação através de uma evolução bastante complexa que se caracteriza justamente pelo despojamento da maioria da sociedade, dos meios de produção, que em épocas anteriores possuía, embora primitivos, e na concentração destes meios de produção em mãos de um reduzido número de pessoas.

Esta concentração dos meios de produção em um número cada vez menor de mãos ainda não chegou à sua fase final. Verificamos que pelo sistema de trustificação, esta concentração está se processando diante de nossos olhos, e está reduzindo cada vez mais o número de possuidores, de proprietários destes meios de produção. Desses fatos resulta uma situação bastante clara e fácil de entender. Se a sociedade como um todo fosse possuidora dos meios de produção, a preocupação desta sociedade seria a de produzir de acordo com um plano que tivesse como finalidade a satisfação, nas melhores condições possíveis, das necessidades dos componentes desta sociedade. Se a sociedade se organiza, para produzir os elementos necessários à satisfação de suas necessidades, a finalidade da mesma deverá ser produzir em tais condições segundo um tal plano, que permita a plena satisfação das necessidades dos componentes desta sociedade.

Vejamos se isto ocorre no regime capitalista atual em que vivemos.

Os proprietários dos meios de produção elaboram os planos para o processo de produção. Eles é que declinam, em suas linhas gerais, a maneira pela qual o processo se deve desenvolver, o que deve ser produzido, em que condições quantidade e volume deve ser produzido. Naturalmente, na base destes planos não entra a necessidade de consumo da população, o não ser como fator muito secundário, na medida em que deve ser produzidos objetos que encontrarão compradores. O aspecto fundamental na elaboração dos planos de produção, é a necessidade de obter lucros e benefícios em proveito próprio, como decorrência deste processo de produção.

É uma afirmação tão clara, constatada diariamente, que todos a compreendem. Ninguém instala uma fábrica, nenhum capitalista constrói uma fábrica a não ser prevendo a possibilidade de auferir lucros e, naturalmente, em proporção a maior possível.

Portanto, vejamos o primeiro absurdo do nosso regime, de nossa organização econômica. Em vez de termos um processo de produção que se proponha a satisfazer as necessidades dos componentes da sociedade por um plano pré-estabelecido, temos um processo de produção em que uma pequena minoria elabora os planos de produção visando interesses individuais de lucro.

A sociedade atual é assim uma sociedade que produz mercadorias, produz coisas que vão ao mercado para serem vendidas e não produz objetos de uso, cujo fim primordial seria satisfazer as necessidades dos componentes da sociedade. O fim principal da produção é auferir lucros aos proprietários dos meios de produção. Acessoriamente, estas mercadorias produzidas e lançadas no mercado satisfazem as necessidades dos componentes da sociedade. Quais as consequências deste processo de produção, baseado na propriedade privada dos meios de produção? A primeira consequência é a desigualdade econômica que surge entre os proprietários dos meios de produção e aqueles que não dispõem de meios de produção próprios não têm outro recurso a não ser vender sua capacidade de trabalho, sua força de trabalho, aos que são donos dos meios de produção. No processo de produção se defrontam interesses opostos: os interesses dos proprietários dos meios de produção, que pretendem comprar esta força de trabalho pelo menor preço possível a fim de obter maior lucro possível na venda de mercadorias e, naturalmente, os interesses daqueles que não têm outro recurso senão vender sua força de trabalho e que procuram obter pelo menos o mínimo indispensável para satisfazer suas necessidades elementares.

É a luta entre os capitalistas, entre os donos dos meios de produção e os assalariados, luta entre os grandes setores da população de um país que vive sob regime capitalista. É a luta de classes, entre duas classes de interesses opostos, luta esta que se processa em condições as mais diversas, através de toda a história do regime capitalista, em todos os países em que este regime impora. Nesta luta, os operários que não dispõem dos meios de produção e que não têm outro recurso senão vender sua força de trabalho, pela organização e lançando mão dos mais vários meios, em primeiro lugar, a greve, conseguiram, através de décadas e séculos arrancar aos capitalistas certas reivindicações, certas melhorias das suas condições de trabalho, das suas condições de vida. Estas melhorias têm sido, em determinadas circunstâncias, perdidas novamente e só se têm mantido através de uma luta constante, permanente.

A segunda consequência deste processo de produção é a anarquia que resulta entre a produção planejada com o fim de lucro e as necessidades da sociedade quanto ao consumo de mercadorias as mais diversas.

Encontramos, no decurso do processo de produção capitalista, e entre nós mesmo temos exemplos, que poderemos citar de passagem, a calamidades que resultaram do processo anárquico de produção. A super-produção em certos setores e a sub-produção em outros setores; as crises periódicas de desemprego que se repetem com intervalos mais ou menos curtos e que representam desastros para o país e para o mundo. Em 1929 tivemos a crise de super-produção de café, que ameaçou a estabilidade econômica do país e o regime em que vivemos, crise esta que se resolveu à custa

da queima de milhões de sacas de café que representavam o trabalho da massa do campo durante anos e anos a fio, trabalho este não pago ou pago apenas parcialmente.

Estas crises que se repetem periodicamente em todos os países, de vez em quando ultrapassam as fronteiras de um país, porque a organização capitalista é internacional, e assumem aspectos catastróficos de crise econômica mundial, como tivemos a de 1929-30, que foi a última grande crise espetacular, catastrófica, dos dias em que vivemos.

Outra contradição desta estrutura da sociedade em que vivemos é a que resulta da racionalização do trabalho, consequência da evolução da técnica de produção da sociedade atual.

A evolução da técnica condiciona a possibilidade de obter com menos trabalho a mesma quantidade de objetos de uso, ou com o mesmo trabalho, quantidade maior de objetos de uso. Esta evolução da técnica possibilitaria à sociedade produzir com menos trabalho, maior número, maior quantidade de objetos de uso. Este processo está se realizando em um ritmo cada vez mais acelerado. Na sociedade capitalista atual, a consequência deste aperfeiçoamento da técnica é muitas vezes contrária aos interesses da grande massa dos trabalhadores. Representa para eles não uma possibilidade de adquirir com o mesmo dispêndio de energia mais objetos de uso, maiores benefícios, mas, ameaça de uma situação pior o de desemprego, de uma situação em que eles não dispõem de elementos de espécie alguma para sua subsistência. Trata-se de um fato corriqueiro e que todos, principalmente os que trabalham em fábrica, conhecem perfeitamente bem: Periodicamente as máquinas são substituídas por máquinas mais aperfeiçoadas, que produzem a mesma quantidade de mercadorias com menor número de operários. Isto se verifica entre nós, atualmente na indústria de tecidos.

Este processo se passa diariamente diante de nossos olhos e o aperfeiçoamento do sistema de produção, que deveria beneficiar a sociedade como um todo, beneficia apenas um pequeno grupo, no sentido de aumentar seus lucros, jogando grande número de trabalhadores na miséria, porque sua força de trabalho não encontra mais compradores. Podemos prever as consequências do aperfeiçoamento da técnica em uma sociedade socialista. As consequências seriam diferentes. Mantendo o mesmo número de horas de trabalho, os componentes desta sociedade, o que não acontece, em hipótese alguma, na atual sociedade capitalista em que vivemos. A grande parte da população não se beneficiaria, a não ser muito parcialmente, do progresso da técnica e arca com as consequências desastrosas deste progresso, que limita a necessidade do emprego de mão de obra para produzir o mesmo quantidade de mercadorias.

Há ainda uma contradição fundamental que impede seu desenvolvimento pacífico ulterior, entrava seu funcionamento e acarreta situações desastrosas para a massa trabalhadora. Os que vendem sua força de trabalho no processo de produção, são, em última análise, os mesmos que vão consumir as mercadorias fabricadas porque eles representam a grande massa da população. Os que vendem sua força de trabalho, empregada no processo de produção, são os mesmos que vão consumir as mercadorias fabricadas e tem sua capacidade de aquisição de mercadorias limitada pelo salário que recebem. Podem adquirir um determinado volume de mercadorias corres-

pondente ao volume de salários que recebem. Como no processo de produção os donos dos meios de produção estão interessados em pagar os salários mais baixos possíveis, resulta que eles limitam a capacidade de aquisição para sua própria mercadoria. Temos aí a chave para a compreensão das chamadas crises de super-produção. A produção vai aumentando seu ritmo em virtude do aperfeiçoamento da técnica e ao mesmo tempo reduz a soma total de salários pagos.

Chega determinado momento em que esta produção, embora mais barata, não encontra compradores, porque a soma total de salários foi muito reduzida e não é mais capaz de absorver a massa de mercadorias lançada no mercado. Este processo, extremamente complexo, se apresenta em vários escalas; em escala local, nacional e internacional. Atualmente, em virtude do grande desenvolvimento do sistema capitalista, da sua extraordinária entrosamento, da importância cada vez maior mercado mundial em relação ao mercado local, verifica-se que estas crises de super-produção estouram mais frequentemente e são mais catastróficas, justamente no mercado mundial, em escala internacional. Chegamos a esta situação ridícula, se não fosse profundamente trágica; — a super-produção, o acúmulo de mercadorias, o acúmulo de bens que não podem ser vendidos, não porque não haja quem deles necessite para seu consumo, mas, porque não há quem possa comprá-los. Temos a super-produção de mercadorias, de um lado, e a fome atingindo os graus mais extremos, do outro lado. É a consequência direta da atual estrutura da sociedade, é inerente ao próprio sistema de produção capitalista e não pode ser eliminada a não ser pela sua abolição.

Por termos chegado à convicção que é possível eliminar estas tragédias por pequenas reformas do atual regime, é que nos declaramos adeptos da reforma radical desta estrutura atual. Chegamos à conclusão de que todos os males são inerentes ao sistema e dele decorrem como consequência lógica. Assim o nosso objetivo principal é a transformação dessa propriedade privada dos meios de produção.

Transformar a estrutura da sociedade não significa realizá-la, de um dia para outro, não porque não desejamos fazê-lo no mais breve espaço de tempo, mas sim, porque é praticamente impossível. Somos obrigados a realizar este processo de uma maneira tal que não abale, que não aniquile o processo de produção em vigor e é preciso que ditemos que a socialização dos meios de produção será gradual e progressiva. Naturalmente, de acordo com um determinado plano que estabeleceremos mais tarde e que analisaremos oportunamente. Esta socialização, vai atingir em primeiro lugar as indústrias fundamentais, mais desenvolvidas, as indústrias mais trustificadas, mais monopolizadas e, através deste processo, iniciado pelas indústrias fundamentais, é que iremos chegar, em um prazo que de antemão não podemos prever, à edificação da sociedade socialista.

No momento atual chamamos a atenção dos companheiros para o seguinte fato: a transformação da estrutura da sociedade é nosso objetivo fundamental, e o realizaremos pela socialização dos meios de produção. Oportunamente explanaresmos o que entendemos por socialização dos meios de produção. A simples expropriação dos meios de produção dos atuais possuidores, não é suficiente, como veremos para os possamos falar em socialização.

(Continúa na 6.ª pag.)

O Programa do Partido Socialista

(Conclusão da 6.a pag.)

idade, de nação. Mas o Partido pretende mostrar a população, ao povo, de que maneira seus sentimentos têm sido explorados, utilizados para fins inconfessáveis. Neste sentido, é que previne as massas trabalhadoras para que não permitam que seus sentimentos possam ser explorados, utilizados para estes fins. Toda e qualquer tentativa de exacerbação dos sentimentos de nacionalidade, vem sempre acompanhada de uma preparação de guerra, aos interesses de classes dominantes.

Todo chauvinismo, todo nacionalismo exagerado, desemboca mais ou menos diretamente na guerra, e foram justamente os fascistas, os nazistas ou qualquer que seja o nome sob o qual se fantasiem, que mais usaram esta técnica da exaltação nacionalista. Temos também nosso exemplo. Sabemos perfeitamente que o partido fascista indígena — o partido integralista brasileiro — se utilizou, dentre outros, do mérito da exaltação nacionalista, tentando fazer crer ao povo brasileiro que os seus interesses, que suas aspirações eram opostas aos interesses, às aspirações das massas trabalhadoras de outro país. O P.S.B. pretende, através de uma campanha de educação popular mostrar que a ideia de pátria, de nação, não, não é incompatível com a ideia de fraternidade humana universal, que o conteúdo internacionalista das ideias socialistas não se choça de maneira alguma com as ideias de Nação e de Pátria. O Partido entende por internacionalismo a convivência pacífica e fraternal, a solidariedade das nações existentes. O Partido prega neste terreno o respeito pelos direitos de todos os povos, pela sua autonomia nacional. Aliás são justamente os exaltadores do nacionalismo, os fascistas, que ao mesmo tempo em que exaltavam o próprio nacionalismo procuravam oprimir outras nações. O exemplo da guerra recente e dos seus prodromos (invasão da Abissínia) mostra claramente o que entendiam e os estes correntes por nacionalismo. O mesmo podemos dizer em relação aos preconceitos de raça que fazem parte integrante de todo regime de exploração e, portanto, do regime capitalista atual. Estes preconceitos existiram ou existem em grau maior ou menor, em todos os países. Existem entre nós e de uma maneira muito mais pronunciada, muito mais selvagem, mais feroz, nos Estados Unidos. Uma das grandes noções do regime capitalista dos Estados Unidos é o preconceito racial, preconceito racial este que se exterioriza de uma maneira aberta, tão desumana e tão brutal como se manifestam as perseguições raciais dos países fascistas no decurso desta guerra.

Mas, há que distinguir os E. Unidos da Alemanha nazista. Não temos interesse em esconder este fato, mas sim em salientá-lo. Apesar dos preconceitos raciais, existem nos E. Unidos condições que permitem lutar contra os mesmos. Não escondemos a existência dos preconceitos raciais mas, afirmamos é verdade, que existem nos E. Unidos condições, liberdades democráticas que permitem a luta contra este preconceito racial, contra estas perseguições raciais. As organizações operárias socialistas, as organizações, de um modo geral, esquizoides, têm lutado, mais de uma vez com resultados embora parciais, contra esta perseguição racial, principalmente contra o negro. Entre nós o problema se apresenta de uma forma mais branda, menos chocante, embora exista, embora tenha se denunciado mais de uma vez. Existe nitidamente na esfera social, mais do que na esfera econômica. Também existe em função da estrutura econômica do país, porque ve-

rificamos que entre nós, apesar de se afirmar que não existe preconceito racial contra o negro, verificamos que a população negra do país se encontra, em comparação com a população branca da mesma categoria, em situação de inferioridade econômica muito grande. Fato incontestável é que esta situação está nitidamente ligada ao preconceito racial, inerente ao atual regime de produção. Neste particular, o P.S.B. afirma muito claramente sua posição. Não pretende realizar transigência de espécie alguma, por menor que seja, em circunstância alguma, no terreno da luta contra o preconceito racial, luta esta que pretende realizar não apenas pelo fato de não praticar este preconceito, mas também pela ação direta na medida de suas possibilidades, contra as manifestações do preconceito racial em todos os terrenos, quer econômico, quer político ou social.

Um aspecto muito importante do preconceito racial é que desempenhou papel muito grande no cenário político mundial dos últimos anos, do anti-semitismo, preconceito racial contra os judeus. Este preconceito racial que tem seus origens históricos muito complexos, atingiu seu desenvolvimento máximo justamente nos últimos 20 anos, quando dele lançou mão a ideologia fascista que representava uma tentativa das classes dominantes atuais de manter seus privilégios de classe. Na luta contra o onda revolucionária crescente nos países europeus, o fascismo lançou mão do chauvinismo, da teoria de raças superiores e inferiores, e mais especialmente do anti-semitismo. Uma das funções do preconceito racial, de modo geral, consiste em desviar a atenção das massas trabalhadoras dos verdadeiros causadores da situação econômica precária em que vivem.

Se se apoiar como inimigo um outro elemento que não a classe dirigente e exploradora do país, é possível que durante algum tempo as iras das massas sejam desviadas. Foi o caso do anti-semitismo. Constatamos que foram as classes dominantes quando em uma situação precária, quando a onda revolucionária se tornou muito ameaçadora, quando seus privilégios estavam em perigo que lançaram mão, entre outras armas, da luta contra os judeus. Não há necessidade de nos alongarmos. Os fatos são muito recentes, passaram-se no decurso da última guerra, quando assistimos a um dos maiores crimes de todos os tempos, perpetrado contra a humanidade, a eliminação premeditada, científica, organizada em todos os seus detalhes, de 6 milhões de judeus. O anti-semitismo é um dos preconceitos de raça e como o Partido afirma que não transigirá neste terreno, qualquer que seja a raça perseguida, não pode deixar de fazê-lo de maneira suficientemente clara também neste caso. O problema anti-semita que pode parecer apenas um problema do passado europeu, pode vir a ser um problema brasileiro, um problema nosso. Não estão longe os tempos em que a ação integralista brasileira, orientada e dirigida pelo nazismo alemão, pretendeu utilizar os mesmos meios no Brasil. Ainda estão à disposição dos que quiserem ler os livros escritos pelos doutrinadores, pelos teóricos do integralismo, a começar pelo senhor Gustavo Barroso, que se utilizou dos mesmos métodos dando vasa a sua sanha anti-semita no livro — Sinagoga Paulista — onde aparece como judeu inclusive Armando Sales de Oliveira. É característico dos métodos reacionários e fascistas procurar abrangeir sob o mesmo opiteto todos os seus inimigos. O governo tem se utilizado em grande escala do acusação de comunistas a todo e qualquer operário a

VIDA PARTIDARIA

Eleições municipais de 13 de março

Conforme foi anunciado, o Partido Socialista Brasileiro concorreu às recentes eleições municipais de 13 de março, em cinco localidades: Cubatão, São Caetano do Sul, Barueri, Monteiro Lobato e Flórida Paulista. Não conseguimos eleger nenhum representante socialista nesses novos municípios. As causas desse mau êxito são diversas, de natureza política e organizatória. Entretanto, a disputa eleitoral valeu como boa oportunidade para o aparecimento de alguns excelentes militantes socialistas naquelas localidades e um começo de organização partidária nas mesmas, onde nada tínhamos, anteriormente. Os resultados eleitorais foram os seguintes: Em São Caetano, a chapa de vereadores do Partido obteve 160 votos; em Cubatão, o candidato a prefeito, companheiro Antonio Simões de Almeida, obteve 45 votos e a chapa de vereadores do Partido 52 votos; em Barueri, a chapa de vereadores obteve 14 votos; em Flórida Paulista, onde o Partido concorreu com um candidato a vere-

ador, apenas, o companheiro Henrique Sória Jaso, obteve este mais votos do que vários outros vereadores eleitos por outros partidos (ainda não temos os resultados oficiais), não conseguindo, entretanto, atingir o quociente eleitoral. Em Monteiro Lobato, onde concorremos com dois vereadores, apenas, também não atingimos o quociente eleitoral.

Tais resultados, evidentemente, não podem constituir decepção ou motivo de desânimo. Já sabemos de antemão que não teríamos grandes resultados nas eleições dos novos municípios, todos eles constituídos de localidades pequenas, com população reduzida facilmente controlável pelos "cabos eleitorais" e políticos influentes dos partidos burgueses e sobretudo do partido do governo. Há que notar, ainda, o fato de haver o governo do Estado interferido abertamente nas eleições, mobilizando a sua máquina administrativa e policial em favor dos candidatos situacionistas e contra todos os oposicionistas. Em Monteiro Lobato, por exemplo, nossos candidatos, companheiros inexperientes, recém-

ingressos no Partido, sofreram coação direta do delegado de São José dos Campos, chegando a desistir da sua candidatura. Em Barueri, às vésperas da eleição foi colocado maquinário do Departamento de Estradas de Rodagem, aplinando ruas nas vizinhanças e fazendo melhorias, numa vasta propaganda demagógica do governo. E, de um modo geral, as eleições foram realizadas no velho sistema do interior brasileiro: eleitores tangidos pelos "cabos eleitorais, carregados de caninhão até à boca da urna, controlados pelos chefes políticos locais, com laqueatório e derrame de dinheiro.

Tais eleições valeram, assim, para o nosso Partido, como oportunidade para avançar um pouco em nossa organização. Em Cubatão e São Caetano do Sul, por exemplo, parece que com o trabalho propagandístico em torno das eleições, conseguimos formar duas boas comissões municipais, que de ora em diante se manterão e maturidade permanente. Em Barueri formamos um grupo pequeno mas constituído de bons militantes socialistas, com algumas ligações no populoso distrito operário de Osasco. E isso, para nós, deve ser considerado um êxito bastante apreciável.

COMICIOS

O Partido Socialista Brasileiro está realizando uma série de comícios nos bairros de Campinas visando, principalmente, o combate à resolução n.6, que fixou os subsídios aos vereadores municipais.

Foram realizadas reuniões públicas nos bairros do Bonfim, Vila Industrial e Guanabara, durante as quais falaram vários oradores que expuseram ao povo as lutas que o partido vem sustentando, procurando apressar a regulamentação das leis de descanso semanal remunerado e da participação dos trabalhadores nos lucros das empresas.

Todos os oradores têm combatido, nesses comícios, a já tão celebre resolução n.6 da Câmara Municipal contra a qual se levantou unanimemente o protesto da imprensa e da população desta cidade.

toda e qualquer organização ou partido político que se disponha a lutar contra a exploração econômica e opressão política. Todos os greves, por mais justas que sejam, por mais diretamente ligadas que estejam aos interesses das operárias na luta contra a exploração patronal, têm sido acionadas de movimentos comunistas, e contra eles tem sido lançada a sanha sangüinária da polícia civil, especial, etc.

O PARTIDO EM SANTO ANDRÉ

— A Comissão Municipal de Santo André, que interrompeu suas atividades normais, afim de auxiliar o trabalho eleitoral do Partido no novo município vizinho, de São Caetano do Sul, reúnica, agora, a execução do programa de trabalhos que havia estabelecido. Assim é que já foram programados vários comícios em bairros de Santo André, em torno da liberdade sindical e outras reivindicações operárias. A Comissão Municipal de Santo André reúne-se ordinariamente às segundas-feiras, às 20.30 horas, na sede do Partido, à Av. Quêroz dos Santos, 678.

O Partido em Cubatão

A Comissão Municipal de Cubatão, formada durante a preparação do trabalho eleitoral naquele novo município, após as eleições vem se dedicando a um ativo trabalho de arrecimação e consolidação dos seus quadros. Os companheiros de Cubatão alugaram uma sede para C. M. à Ar. Principal e ali pretendem instalar um curso de alfabetização e realizar uma série de palestras sobre sociologia e história da civilização, além de debates sobre o programa do Partido. No trabalho partidário, há que salientar o esforço dos companheiros Joaquim Couto Estácio e Antonio Simões de Almeida, operários militantes socialistas que muito têm contribuído para o êxito daquele trabalho.

SOROCABA

Vereador socialista em Sorocaba: — Havendo se licenciado o vereador do Partido em Sorocaba, companheiro Antonio Medeiros, passou a exercer a vacância, provisoriamente, o nosso companheiro Luiz Leopoldino Mascarenhas. Trata-se de um bom militante socialista, operário das oficinas da Sorocabana, onde goza de bastante prestígio, pela sua combatividade, na defesa dos interesses proletários.

COMUNICADO:

Comunicado da Secretaria da C. E. E. — A secretaria da Comissão Executiva Estadual apela a todos os membros do Partido que habitualmente realizem viagens pelo interior do Estado, no sentido de colaborar com o trabalho de arrecimação. Todo companheiro que tiver viagens a realizar, no interior do Estado, poderá procurar a Secretaria da C. E. Estadual, afim de informar-se sobre as possibilidades de trabalho partidário, nas localidades que irá visitar. Dessa forma, poderemos incentivar os contatos pessoais entre membros do Partido da Capital e do interior do Estado, com grande proveito para o desenvolvimento do Partido.

